
O que pensam os pais sobre a violência infantil

What the parents think about child abuse

Elainne Araujo Torres¹, Wana Lara Souza Marques¹, Zaira Vanessa Calista Fontenele¹, Magda Coeli Vitorino Sales¹

¹Curso de Enfermagem do Centro Universitário Uninovafapi, Teresina-PI, Brasil

Resumo

Objetivo – Caracterizar a percepção dos pais sobre violência infantil. Realizado em duas instituições de ensino infantil da rede municipal de Teresina-PI no período de Outubro de 2014. **Métodos** – Participaram 24 pais maiores de 18 anos, que tinham filhos regularmente matriculados nas referidas instituições, que aceitaram participar da pesquisa, declarando através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. **Resultados** – Emergiram quatro categorias: a palmada e o castigo não são violência; o diálogo como alternativa para educar; consequências à criança que sofre violência infantil; as raízes da violência. **Conclusões** – O estudo propiciou perceber que a violência é um fenômeno social. E que os pais desconhecem o conceito e os tipos de violência, atribuem à violência o ato de espancar. Entretanto, utilizam a palmada e os castigos como recurso para educar, por não considerarem os atos como violência. Apesar de perceberem que a violência tem consequências quanto ao desenvolvimento infantil. Utilizam o diálogo como uma alternativa para educar, todavia desconhecem as teorias da educação positiva. E reconhecem que a origem da violência encontra-se no ambiente intrafamiliar. Portanto, faz-se necessário investir na socialização sobre as consequências da educação negativa para o desenvolvimento infantil, os benefícios da educação positiva e como aplicá-la, bem como em políticas públicas da cultura da paz. É tarefa de toda a sociedade fomentar combater a violência. E o enfermeiro como protagonista coautor e coprodutor de processos de mudanças deve assumir seu papel nesse processo.

Descritores: Violência doméstica; Comportamento infantil; Desenvolvimento infantil; Enfermagem

Abstract

Objective – To characterize the perception of parents about child abuse. Performed in two children's education institutions in the municipal Teresina, PI, from October of 2014. **Methods** – Participated in 24 major parents of 18 who had children enrolled in these institutions that agreed to participate, declaring by signing the informed consent and informed. **Results** – Four categories emerged: a spanking and punishment are not violence; the dialogue as an alternative to educate; consequences to the child suffering child abuse; the roots of violence. **Conclusions** – The study led to realize that violence is a social phenomenon. And parents are unaware of the concept and the types of violence, the violence attributed the act to beat. However, use spanking and punishment as a resource to educate, believing acts as violence. Although realize that violence has consequences for child development. Use dialogue as an alternative to educate, but unaware of the theories of positive education. And recognize that the origin of the violence is in the family environment. Therefore, it is necessary to invest in the socialization of the consequences of negative education for child development, the benefits of positive education and how to apply it, as well as public policies of culture of peace. It is the task of the whole society to foster combat violence. And the nurse as co-author and co-producer protagonist of change processes must assume its role in this process.

Descriptors: Domestic violence; Children's behavior; Child development; Nursing

Introdução

A violência contra as crianças acompanha o percurso do homem desde os mais antigos registros. Em cada momento histórico e conforme a cultura registra-se as inúmeras maneiras pelas quais os maus-tratos se expressam.

A Associação Brasileira de Crianças Abusadas e Negligenciadas estima que no Brasil cerca de 4,5 milhões de crianças são vítimas de abuso e negligência por ano no país. Percebe-se que ainda não são respeitados os direitos da infância e da adolescência, resguardado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado na década de 1990¹.

Sobre este fato, questiona-se qual a percepção dos pais sobre violência infantil. A questão da violência contra crianças deixou de ser apenas da área social e passou a fazer parte do universo da saúde pública brasileira, tornando assim, objeto de atenção diferenciada, de forma a construir uma forte demanda para interven-

ção nos casos considerados moralmente reprováveis.

As crianças que sofrem o castigo podem, também, não encarar o castigo como violência, pois aprendem precocemente, que é “normal” ou até desejável apanhar dos pais. A tendência a condenar a punição física deslocando-a, qualquer que seja a sua forma e intensidade, para a categoria de violência tem suas bases em estudos e observações e mostram os riscos e sequelas desta prática para a criança².

A violência física como forma de educação, sob a ótica do cuidador agressor, apresenta explicações sobre o ato de bater ou espancar motivado por dificuldades sociais, dificuldades no dia a dia nas relações familiares e com a criança, descontrole emocional e culpabilização da criança pelos problemas. Nesses casos, as concepções que embasam tais justificativas podem ser resumidas no entendimento de que “bater não é grave”, “bater educa” e “dói em quem bate”³.

Apesar de a punição corporal produzir efeito imediato que mantém a utilização desta prática educativa, há efeitos nocivos, tais como emoções de raiva e medo e comportamentos de esquiva diante da pessoa que pune. As respostas emocionais geradas pela punição (choro, medo, ansiedade, raiva) podem também ser condicionadas, por meio do condicionamento pavloviano, a aparecerem em outras ocasiões não punitivas. Assim, a punição do comportamento de mentir de uma criança pode levá-la a apresentar os mesmos comportamentos emocionais advindos com a punição (choro, rubor, suor) em uma situação em que precise se expressar verbalmente⁴.

Sendo assim, torna-se imprescindível que o enfermeiro saiba identificar situações reais e potenciais de maus-tratos, bem como conduzir uma situação de ocorrência destes casos e conhecer as diversas questões que gravitam sobre o tema. Diante do exposto julga-se importante conhecer a percepção dos pais sobre a violência infantil.

Métodos

A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas do município de Teresina PI, que atendem cerca de 300 crianças em idade pré-escolar, localizadas na região centro sul do município Teresina-PI. A escolha das instituições se deu devido à localização das mesmas, visto que estas recebem alunos de uma vasta abrangência territorial de Teresina-PI, que compreende os bairros: Ilhotas, Piçarra, Cristo Rei e Monte Castelo; e serem as únicas instituições públicas existentes na região, além de pertencerem ao rol dos campos de estágio da disciplina de saúde da criança e do adolescente.

Participaram do estudo 24 pais, sendo estes 20 mães e 04 pais, maiores de dezoito anos, cuja criança em idade pré-escolar que esteja matriculada nas instituições selecionadas, e queiram participar da pesquisa assinando o termo livre e esclarecido e que permitiram a divulgação dos resultados nos meios científicos. Foram excluídos aqueles cuidadores que não tinham vínculo legal com a criança, menores de dezoito anos e os que se recusaram a participar da pesquisa. Os participantes da pesquisa foram identificados com códigos, visando manter o anonimato, podendo assim, assegurar o sigilo pessoal e das informações.

As entrevistas aconteceram no mês de Outubro do corrente ano, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNINOVAFAPI (CAAE N° 34805414.0.0000.5210). Ocorreram em uma sala da instituição, com data e hora previamente agendada. Cada entrevista foi gravada em aparelho mp3, identificada conforme sequência numérica e em ordem crescente para garantir o anonimato do participante, com duração média de 30 minutos, para cada entrevistado, buscando coletar as informações de forma clara e objetiva.

As entrevistas foram transcritas na íntegra, lida, relidas com o intuito de entender os significados das falas,

identificar as ideias coerentes e assim as percepções dos participantes, que foram organizadas conforme a confluência dos depoimentos, para posterior organização em categorias. Segundo Gil (2009)⁵ categorizar é uma forma de organizar os dados de maneira que o pesquisador possa tirar conclusões a partir deles.

A análise e interpretação basearam-se nas falas dos pais das crianças que estudavam nas instituições de ensino, possibilitando o conhecimento de suas percepções sobre a violência infantil. As falas foram agrupadas conforme a convergência das ideias centrais dos relatos sobre a temática, para criação das categorias e posterior discussão.

Resultados e Discussão

Participaram do estudo 24 pais sendo estes, predominantemente mães 20 com idade entre 22 a 41, entretanto tivemos a participação de 4 pais, com idade entre 40 a 45 anos. Em relação ao grau de escolaridade a prevalência foi o ensino médio completo, sendo que 2 participantes eram analfabetos. Quanto à renda a média foi de 1 salário mínimo. Sobre o número de filhos a média ficou de 1 a 5 filhos.

Em relação a faixa etária do agressor, a faixa etária predominante está entre 21 e 30 anos de idades. A violência parte frequentemente de um membro da família, tendo a mãe como principal agressor, justificando a afirmação com explicação que a mãe é o membro da família que permanece mais tempo com criança, portanto tem maiores chances de agredir⁶.

Buscando atender ao objetivo do estudo e conforme a convergências dos significados extraídos das falas dos participantes emergirão as seguintes categorias de discussões: percepção dos pais sobre a Palmada e o Castigo; o diálogo como alternativa para educar; consequências à criança que sofre violência infantil; e por fim, as raízes da violência. Para melhor entendimento, decidiu-se discutir cada categoria separadamente:

Percepção dos pais sobre a Palmada e o Castigo:

Conforme os depoimentos, percebemos através das falas dos entrevistados que a violência doméstica acontece como um fenômeno sociocultural, presente no ambiente intrafamiliar, todavia não reconhecida como tal. Como evidencia a depoente abaixo:

[...] acho que palmada e castigo não é violência [...]
(D18).

É notório o desconhecimento sobre o conceito de violência através do uso da palmada, visto que não se tem parâmetros para a intensidade da palmada dessa forma pode ser classificada como um ato de violência. A palmada foi frequentemente citada pelos participantes como forma de disciplina, que pode também configurar um ato de coação, pois seu objetivo é impor à criança um comportamento dito socialmente aceitável ou impondo uma relação de poder parental, visando à adequação das crianças as regras de convivência definidas

pela sociedade. Como podemos observar, nos relatos abaixo:

[...] Uma palmada para poder orientar a criança, os pais tem que ter autoridade com os filhos [...] não é certo espancar um filho, mas a gente dá uma palmada em filho não é violência [...] (D06).

Em algumas situações, mesmo apanhando e com medo, a criança identifica esse ato como humilhante, encontrando forças para enfrentar os pais, quando dizem “Nem doeu”. Essa é uma forma de defesa que pode redundar em mais agressão, em razão do possível descontrole dos pais. Portanto, o que muitos pais convencionam chamar de “palmadas” pode resultar em espancamento².

O diálogo como alternativa para educar: embora não tenham conhecimento sobre as teorias da disciplina positiva, os pais percebem que o uso da coação tem efeitos negativos no desenvolvimento dos filhos, demonstram opiniões contrárias ao uso da punição física e por isso optam pelo diálogo na busca da melhor forma de educar.

[...] os pais mesmo que bate, não sabe conversar com os filhos e dialogar, eu acho assim, pra mim não é certo [...] (D02).

[...] nós em primeiro lugar temos que chamar nossas crianças e conversar, não espancar. Conversa resolve muito mais do que um ato violento [...] (D06).

A disciplina indutiva faz uso da explicação, comunica ao indivíduo o desejo dos genitores de que ele modifique voluntariamente seu comportamento. Nesse tipo de disciplina, os pais induzem a prole a obedecer-lhes por meio do direcionamento de sua atenção para as consequências de seus comportamentos⁷.

De acordo com Patias *et al.*⁸ dividiu as práticas educativas parentais em dois grupos: as positivas e as negativas. As práticas educativas são consideradas positivas quando envolvem a utilização de atenção, monitoria, carinho, regras e limites, o que favorece um bom desenvolvimento da criança e adolescente. Quando essas práticas envolvem a ausência de atenção e afeto, abuso, negligência e humilhações, são atitudes consideradas negativas, tornando-se fatores de risco para o desenvolvimento infanto-juvenil.

Consequências à criança que sofre violência infantil: Os entrevistados reconhecem que o uso de punição física como medida educativa tem repercussões na saúde mental da criança. Relacionam as consequências da violência a sentimento de mágoa, trauma, as causa de depressão.

Dessa forma, percebe-se mais uma vez que os participantes desconhecem o conceito de violência. Portanto, não associam outros comportamentos que configuram violência infantil.

[...] A criança no futuro pode ter traumas, a criança pode ficar impressionada, hoje ela já nasce praticamente sabendo de tudo e com certeza ela vai ter um trauma muito grande [...] (D01).

[...] mas bater eu acho errado. A criança já cresce tipo com aquela depressão, é o meu pensamento [...] (D04).

A criança violentada pode passar por alterações bruscas de comportamento, tais como alteração no sono, queda brusca no rendimento escolar, medo inexplicável de ficar sozinho na presença de adultos estranhos ou de algum adulto específico e realizar brincadeiras agressivas com brinquedos ou pequenos animais, entre outros. A criança também pode apresentar dificuldade em sua adaptação afetiva e pode sofrer os efeitos do pacto do silêncio, sendo vítima de ameaça e pressões para não revelar o abuso⁹.

As raízes da violência: conhecer de onde surgem os maus-tratos contra as crianças torna-se uma ferramenta primordial principalmente quando se pretende erradicar a violência. É interessante ressaltar que mediante esta problemática, qualquer membro da família pode se tornar, em determinadas circunstâncias, vítima ou autor de violência. Entretanto, as crianças, por serem mais susceptíveis, indefesos e dependentes da família e também da sociedade, são as principais vítimas desse tipo de violência.

Os participantes concebem que tem que bater para educar, que o condicionamento da criança através do uso da força física é o caminho para um bom comportamento. Reproduzem o ciclo da violência de geração para geração. Não conseguem associar o baixo rendimento escolar, a agressividade e os comportamentos hiperativos ao ambiente opressor que a criança cresce.

[...] Eu acho que há impunidade, não existe mais justiça, as leis precisam ser mudadas, a violência não existe só na rua, é dentro de casa mesmo [...] (D06).

[...] Meus pais sempre me bateram, hoje em dia a gente não pode bater em uma criança que o pessoal dá parte, mas tem que bater, dá palmada, tem criança muito desobediente, tem hora que perco a paciência e bato nela [...] (D08).

É preciso lembrar que as famílias se encontram imersas em ambiente social e cultural específico. Nesse ambiente, a crença sobre o castigo físico como um método apropriado para educar e corrigir as crianças é frequentemente compartilhada. Tal crença está provavelmente ligada ao desconhecimento e à desvalorização de outros métodos educativos, como carinho, reconhecimento e recompensa².

Cury¹⁰ contribui afirmando em sua recente obra que educar é a tarefa mais complexa do mundo moderno. Educar requer atenção, dedicação, envolvimento e isso demanda tempo.

Conclusão

O fenômeno se configura como um dos problemas mais relevantes na sociedade atual. Pode ser encontrado em todas as classes sociais, desde as classes mais baixas até as mais abastadas, atinge grande número de crianças e adolescentes diariamente no Brasil e no Mundo, tanto no contexto familiar, como no contexto social.

Constatou-se que os pais não reconhecem outros comportamentos violentos, por demonstrarem desconhecimento sobre o conceito de violência, para eles a violência está associada ao ato de causar lesão corporal e dor. Entretanto, utilizam a palmada como medida educativa, mesmo está causando dor à criança, não a reconhecem como um ato violento.

O presente estudo confirma ainda que a punição física permanece no imaginário social, como um recurso permitido e apropriado para a educação dos filhos. Apesar de reconhecerem que, o uso da punição física e o castigo têm repercussões na saúde mental da criança, podendo se estender até a fase adulta.

Dessa forma, é interessante que o governo invista em políticas públicas que combatam todo tipo de violência, fomenta a cultura de paz e socialize informações sobre a educação positiva. Assim, compreende-se que práticas educativas parentais positivas, como a comunicação, o afeto e limites são extremamente importantes para o desenvolvimento de comportamentos em crianças. Além disso, essas práticas positivas servem de proteção contra o desenvolvimento de psicopatologias.

Referências

1. Felizardo M, Ribeiro D. Uma abordagem sobre a violência infantil no campo histórico, social e de saúde. *Rev Bras Med.* 2011; 47(2).

2. Donoso MT, Ricas J. Perspectiva dos pais sobre educação e castigo físico. *Rev Saúde Pública.* 2009;43(1):78-84.
3. Cordeiro S. Motivações da violência física contra a criança sob a ótica do cuidador agressor. *Rev Min Enferm.* 2008.
4. Apostólico MR, Nóbrega CR, Guedes RN, Fonseca RM, Egry EY. Characteristics of violence against children in a Brazilian Capital. *Rev Lat-Am. Enfermagem.* 2012;20(2):266-75.
5. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas; 2002.
6. Garbin CA, Rovida TA, Joaquim RC, Paula AM, Queiroz AP. Violência denunciada: ocorrências de maus tratos contra crianças e adolescentes registradas em uma unidade policial. *Rev Bras Enferm [periódico na Internet]* 2011 jul-ago [Acesso Mar. 2014]; 64(4): [Aproximadamente 8 p.]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v27n8/19.pdf>. *Rev Bras Enferm.* 2011:64(
7. Hoffman M. Power assertion by the parent and its impact on the child. *Child Develop.* 1960;31:129-43.
8. Patias ND, Siqueira AC, Dias ACG. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças. Psicol Saúde.* 2013;21(1):29-40.
9. Woiski ROS, Rocha DLB. Cuidado de enfermagem à criança vítima de violência sexual atendida em unidade de emergência hospitalar. *Esc Anna Nery Rev Enfer.* 2010;14(1):143-50.
10. Cury A. Pais inteligentes formam sucessores, não herdeiros. São Paulo: Saraiva; 2014.

Endereço para correspondência:

Elainne Araújo Torres
Conjunto IPASE, Quadra F, casa 164 – Aeroporto
Teresina-PI, CEP 64006-050
Brasil

E-mail: elainnetorres@hotmail.com

Recebido em 9 de junho de 2015
Aceito em 15 de junho de 2015